

**Evento:** XXX Jornada de Pesquisa ▾

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE FREUDIANA PARA A APRENDIZAGEM: TRANSFERÊNCIA, SUBLIMAÇÃO E O DESEJO DE SABER NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO¹

Daiane Luiza Lopes², Alexa Fagundes dos Santos³

¹ Escrita produzida a partir de atividades desenvolvidas enquanto bolsistas do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Bolsista CAPES, mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ).

³ Bolsista CAPES, mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ).

INTRODUÇÃO

A educação, em sua complexidade, ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se constitui como espaço de formação subjetiva, atravessado por desejos, afetos e relações sociais. Nesse contexto, a psicanálise oferece contribuições relevantes ao propor que a aprendizagem não ocorre apenas por estímulos externos, mas também a partir da dinâmica inconsciente que mobiliza o sujeito em direção ao saber. Freud, ao introduzir conceitos como inconsciente, transferência e sublimação, possibilitou novas formas de compreender a relação pedagógica, reconhecendo que o aprender está indissociavelmente ligado ao desejo (Kupfer, 1989).

A relação professor-aluno, marcada pelo fenômeno da transferência, assume papel central na aquisição do conhecimento, pois o aluno investe afetivamente no professor, transformando-o em mediador de seu desejo de aprender (Malagi; Gagliotto; Silveira, 2012). Compreender como o inconsciente e as pulsões atuam na aprendizagem permite refletir sobre práticas pedagógicas menos repressivas e mais abertas à escuta da subjetividade, contribuindo para a promoção de ambientes educativos éticos e sensíveis ao desejo do aluno.¹

O objetivo geral deste estudo é analisar as contribuições da psicanálise freudiana para a compreensão da aprendizagem, com ênfase em transferência e sublimação, considerando suas implicações para a prática educativa. A questão-problema que orienta a reflexão é: como os mecanismos inconscientes podem favorecer ou dificultar os processos de ensino-aprendizagem na relação professor-aluno? A justificativa do ensaio reside na

¹ O desejo do aluno pode ser compreendido como a força inconsciente que impulsiona a criança em direção ao saber, conceito que será desenvolvido ao longo do ensaio.



relevância de integrar psicanálise e educação, destacando o papel do professor como mediador do desejo de aprender e como agente capaz de evitar que a escola se restrinja a um espaço de mera repressão. A partir dessa perspectiva, a seção seguinte apresenta a metodologia adotada para analisar criticamente os conceitos psicanalíticos aplicáveis à prática educativa.

METODOLOGIA

Este estudo, de caráter teórico, qualitativo e psicanalítico, fundamentou-se na análise crítica de Kupfer (1989) e Malagi, Gagliotto e Silveira (2012), abordando conceitos freudianos centrais — inconsciente, transferência e sublimação — e suas implicações para a educação.

O procedimento metodológico consistiu em interpretar conceitos psicanalíticos fundamentais, identificar elementos que evidenciem experiências de sofrimento ou repressão na relação professor-aluno, e relacionar esses elementos a práticas pedagógicas não-traumáticas, que valorizem a escuta da subjetividade e o desejo de aprender.

Assim, buscou-se compreender como dinâmicas transferenciais e pulsões recalcadas ou sublimadas influenciam o aprendizado, oferecendo subsídios para uma educação ética, sensível e menos repressiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender como ocorre o processo de aprendizagem na criança, Freud introduz a noção do desejo de saber, sustentando que o funcionamento psicológico é resultado da interação entre Inconsciente, Pré-consciente e Consciente — sua primeira tópica. Nesse sentido, o inconsciente assume um papel fundamental, já que constitui a maior parte da psique, conservando os desejos reprimidos e recalcados, servindo como base para a constituição do sujeito. Como afirma Kupfer (1989, p. 51): “[...] a ideia de que existem ideias inconscientes não é uma invenção freudiana. Mas a formulação de um sistema chamado inconsciente é freudiana”.

Posteriormente, Freud (*apud* Kupfer, 1989) avança para uma segunda tópica do aparelho psíquico, composta por Id, Ego e Superego. O Id corresponde à parte inconsciente, ligada aos instintos e ao princípio do prazer, buscando incessantemente a satisfação — assim como o sujeito busca conhecer. O Ego atua como mediador, estabelecendo um equilíbrio entre



as demandas do Id e a repressão imposta pelo Superego, que, por sua vez, está vinculado ao princípio da realidade. Sobre essa dinâmica, Kupfer (1989, p. 54) destaca: “o jogo está em determinar qual o mal menor, em que situação o desprazer será menos intenso”.

Além dessas instâncias, Freud (*apud* Kupfer, 1989) enfatiza a relevância do Complexo de Édipo e da castração no processo de aprendizagem. O Complexo de Édipo refere-se aos desejos amorosos dirigidos aos pais, os quais originam a transferência. Já a castração provoca angústia na criança a partir de suas descobertas sobre a diferença sexual. Conforme Kupfer (1989, p. 80, grifo do autor): “**é essa angústia que a faz querer saber**”.

Parte da curiosidade e da investigação sexual infantil será recalcada, enquanto outra parte será sublimada. A sublimação, impulsionada pela força da pulsão sexual, permite a adaptação do indivíduo ao meio social, redirecionando energias destrutivas para atividades culturalmente valorizadas. Kupfer (1989, p. 43) exemplifica: “[...] parte dessa pulsão será reprimida [...], parte irá compor a sexualidade genital [...] e parte será sublimada. Ou seja, poderá se transformar, por exemplo, na atividade de esculpir em argila”. Nesse sentido, “na sublimação é possível canalizar pulsões destrutivas para fins socialmente úteis” (Shirahige; Higa, 2004, *apud* Malagi; Gagliotto; Silveira, 2012, n.p.).

A relação professor-aluno é central na perspectiva psicanalítica da educação. Essa relação é permeada pelo fenômeno da transferência, condição essencial para a aprendizagem, uma vez que esta, como ressalta Kupfer (1989, p. 84, grifo do autor), “[...] **sempre** pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina”. Ao se tornar objeto de transferência, o professor recebe projeções de afetos originalmente dirigidos aos pais (Complexo de Édipo), tornando-se figura central no processo de aquisição do saber.

A transferência origina-se a partir do desejo de saber do aluno, que se ancora na figura do professor. Como explica Kupfer (1989, p. 92): “A ideia de transferência mostra que aquele professor em especial foi ‘investido’ pelo desejo daquele aluno. E foi a partir desse ‘investimento’ que a palavra do professor ganhou poder, passando a ser escutada!”. Sobre isso,

A transferência tanto positiva quanto negativa pode se transformar em poderoso instrumento terapêutico desempenhando um papel relevante no processo de cura. A transferência encontra-se também presente na relação professor-aluno e nos permite refletir sobre o que possibilita ao aluno acreditar no professor e chegar a aprender (Shirahige; Higa, 2004 *apud* Malagi, Gagliotto e Silveira, 2012, n.p.).



Por meio da transferência, o aluno “passa” pelo professor, apropriando-se de seu saber e internalizando-o como conhecimento genuíno. Conforme Kupfer (1989, p. 100), o aluno sai “[...] dali com um saber do qual tomou verdadeiramente posse”, constituindo assim a base para a construção de futuros saberes.

Cabe ao professor, portanto, compreender os fenômenos transferenciais que permeiam sua relação com o aluno e orientar as pulsões infantis para caminhos sublimados. Como defendem Malagi, Gagliotto e Silveira (2012, n.p.):

A educação deve procurar ser mais benéfica e menos traumática. Deve reprimir somente o necessário para a criança se defender, abrir mais espaço de escuta ao seu desejo e, assim estabelecer uma relação de transferência. Permitir que a criança siga livremente o seu desejo de aprender, independente do desejo do seu professor ou do de quem esteja envolvida (Malagi; Gagliotto; Silveira, 2012, n.p.).

Nesse sentido, é essencial que o professor busque equilibrar o prazer individual do aluno e as exigências sociais, conduzindo-o a um aprendizado que seja não apenas internalizado, mas também reconhecido como parte integrante de si mesmo. Como afirmam os autores, “a educação tem por função dominar os instintos da criança, inibindo sua liberdade total” (Malagi; Gagliotto; Silveira, 2012, n.p.).

A falta mobiliza o desejo de conhecer, mas este só se efetiva na presença do desejo de aprender. Freud (*apud* Kupfer, 1989) critica a pedagogia tradicional por fundar-se na repressão, propondo, em contrapartida, uma educação que preserve a subjetividade e os desejos do aluno. Kupfer (1989, p. 98) reforça essa ideia: “Ouvirão o que lhes convier e jogarão fora o resto, sem que isso implique uma rebeldia consciente [...]”, ou seja, “[...] manterão a fidelidade a modos de pensar subjetivos [...]”. Dessa forma, a psicanálise oferece à educação não um método, mas uma ética que reconhece os limites do controle pedagógico e valoriza a autonomia desejante do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste ensaio evidenciou que a aprendizagem, sob a ótica psicanalítica, não pode ser reduzida a um processo mecânico de assimilação de conteúdos. Trata-se de um movimento atravessado por desejos inconscientes, afetos e relações de transferência, em que o desejo de saber se estrutura a partir da falta e o professor ocupa lugar privilegiado como intermediador e depositário de investimentos transferenciais.



Verificou-se que a sublimação, enquanto mecanismo de redirecionamento pulsional, constitui recurso fundamental para que a energia psíquica do aluno se converta em aprendizagens culturalmente valorizadas. Por outro lado, práticas educativas excessivamente repressoras podem gerar sintomas e bloquear o exercício criativo do pensamento, reforçando a importância de que o professor promova um ambiente equilibrado entre a escuta do desejo e as exigências sociais.

Do ponto de vista reflexivo, compreende-se que este estudo reforça a necessidade de a escola abrir espaços mais consistentes para acolher a subjetividade dos estudantes. Reconhecer a presença das dimensões inconscientes no cotidiano escolar é um convite a repensar práticas docentes para além da transmissão de conteúdos, valorizando vínculos de confiança e uma escuta sensível às demandas que emergem na relação professor-aluno.

Por fim, admite-se que este estudo possui limites, por se tratar de um ensaio teórico. Sugere-se que futuras pesquisas avancem para investigações empíricas, a fim de observar como professores e alunos vivenciam, na prática, as dinâmicas de transferência e sublimação. Assim, conclui-se que a psicanálise, mais do que oferecer métodos, aponta caminhos éticos para a educação: reconhecer os limites do controle pedagógico, valorizar a autonomia desejante do estudante e cultivar, no espaço escolar, o prazer pelo saber.

Palavras-chave: Psicanálise. Transferência. Sublimação. Educação. Desejo de aprender.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a CAPES pela bolsa e a Unijuí pelo apoio ao evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

MALAGI, Aline; GAGLIOTTO, Gisele; SILVEIRA, Simaia. A sexualidade, o desejo de saber e a aprendizagem da criança: contribuições psicanalíticas. **VI Colóquio Internacional: “Educação e Contemporaneidade”**, São Cristóvão–SE, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10171/12/11.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.